SR/DPF/PR
FL. 139
CARTÓRIO

A HISTÓRIA DE RAQUEL

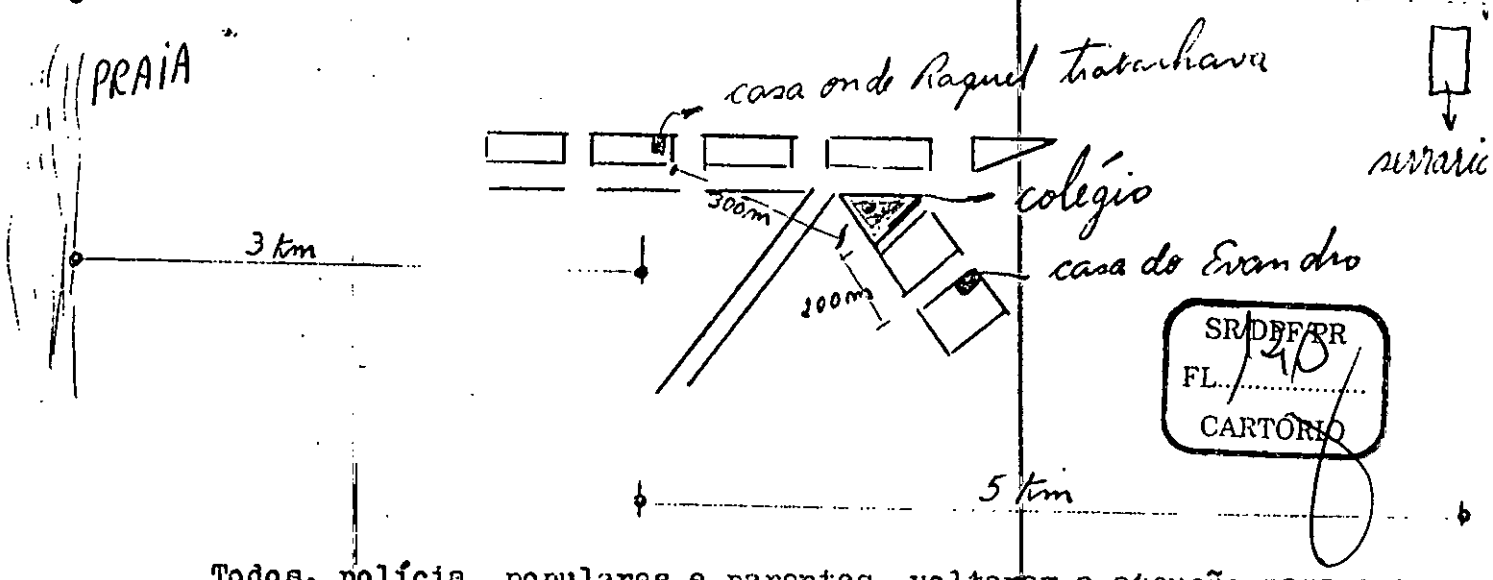
Evandro desapareceu, dia 06/04/92, (dia de São Diógenes) por volta das 10:00 horas da manhã. Esta era a segunda criança, que sumia em Guaratuba, num período de dois mêses, e a sétima no Paraná em três mêses. Guaratuba entrou em pânico e a atenção do Estado voltou-se para este balneário.

No entardecer do mesmo dia, começaram as concentrações em frente à casa de ERC. No segundo dia a cidade praticamente parou. Todos sentiram, que o perigo de outras crianças desaparecerem era iminente. Tinha de haver uma resposta, era necessário tomar providências. Começaram as manifestações públicas, pedindo segurança, empenho por parte dos órgãos competentes e assim por diante. Alguns destes protestos, Celina Abagge conteve pessoalmente, rasgando faixas e cartazes e ameaçando os funcionários municipais, que participavam, de demissão,(segue outra reportagem de jornal) chegou até a chamar a PM, para dispersar uma concentração de crianças, que houve em frente a prefeitura.

Celina sentiu, que as coisas começavam a fugir do seu controle, era necessário fazer mais, ou começaria a correr sério risco, pois além do perigo de eventuais testemunhas do rapto, como explicar o fato de Airton Bardeli, gerente da serraria, ter dispensado subtamente, 45 funcionários. (Durante mais de 50 anos, nunca foi dado dispensa coletiva, quando havia madeira no pátio para ser serrada, estas dispensas aconteciam só em períodos de escasses de matéria prima, mas mesmo assim o pessoal da limpeza, manutenção e guardião nunca eram liberados. Desta vêz, todos foram dispensados, com grande estoque de madeira a ser beneficiada, inclusive o guardião, e o que é pior, chegaram a trabalhar na segunda-feira pela manhã, iniciando o descanso já no expediente da tarde. Claro, que uma dispensa deste porte, dependeria de motivo e programação, pelo que se viu, com a paralização das atividades em meio a jornada, a única programação e o único motivo, só poderia ser o rapto do Evandro)

Sentindo o perigo muito próximo e vendo a população revoltada, investigando sem parar, organizando-se em grupos, não teve dúvida quanto a necessidade de agir. Levou uma môça de nome Raquel, até a presença do Dr. Adauto, a qual contou a seguinte história:

"Estava ela, terminando seus trabalhos domésticos, na casa em que trabalhava, eram por volta das 10:30 horas da manhã, varria a frente da casa, quando viu um carroceiro passar, com dois guris na carroça, e que um dêles ela reconheceu como ERC. Dirigiram-se em direção à praia,



SR/DPF/RR
FL. 190
CARTÓRIO

Todos, polícia, populares e parentes, voltaram a atenção para o outro lado da cidade, ali foram feitas buscas exaustivas, não paravam nem mesmo à noite. Era comum encontrar grupos armados, com revólveres, facões, foices, lanterna, lampião, etc.... Em várias ocasiões, algumas pessoas escaparam por pouco do linchamento.

As buscas nesta região foram inúteis, e outros lugares começaram a atrair a atenção. Como segundo o ritual, as mãos e órgãos, tinham de ficar por três dias, numa casinha lá na serraria, era preciso continuar atraindo a atenção, para o lado mais distante, ou seja a praia.

Surge então a segunda história, que se encaixa como uma luva, na história de Raquel. Um menino de aproximadamente 13 anos, correndo esbaforido, para próximo à algumas pessoas e conta o seguinte:

"Acabei de fugir de uma casa abandonada, na beira da praia, onde estava preso com mais dois meninos, fomos levados por um carroceiro, que nos convidou para passear, lá fomos trancados e amarrados, eu consegui me soltar e também desamarrei os outros guris, que não conheço, porém só eu consegui pular por uma janela, que fica muito alta". Disse isto e saiu em disparada.

As pessoas confirmaram o relato e descreveram o menino que o passou, contudo êle jamais foi encontrado. Quase todas as casas e todos os colégios, foram vasculhados, inclusive colocando os alunos em formação, para reconhecimento, mas mesmo assim não foi localizado.

Quando surgiu este relato, já era o quarto ou quinto dia, do desaparecimento, ao mesmo tempo que se buscava encontrar o autor desta nova história, um enorme grupo de pessoas, organizou-se e efetuou uma varredura, numa faixa de dez quarteirões de largura, por mais de cinco quilômetros de comprimento. Todas as casas foram investigadas, estando com moradores ou não. Nada foi encontrado nas proximidades da praia, que se parecesse com o local descrito.

Todas as pessoas, inclusive os familiares, quando iam atrás da Ra-

SR/DPF/PR
FL. 141
CARTÓRIO

quel, para terem maiores detalhes, ouviam sempre a mesma coisa. Está com Celina e Beatriz, ajudando a procurar o carroceiro, que viu passar, de fato, durante toda aquela semana, em toda parte, elas foram vistas juntas, ora no cadête azul de Celina, ora no scort cinza de Beatriz. (Desta maneira Celina impedia, que em algum deslize, Raquel acabasse entregando o jôgo).

Mesmo assim, numa noite, conseguimos pegá-la em casa, junto a seu pai, fizemos algumas perguntas, as quais respondia sempre olhando para o chão, ou para os lados. Ela insistia em afirmar que era o Evandro, mas não conseguia descrevê-lo corretamente, nem dizer da onde o conhecera e nem que roupa estava vestindo. Quando perguntei, como tinha certeza de ser o Evandro, se a carroça passou rápido(segundo ela) e a uma certa distância. Ela respondeu, que êle havia passado duas vêzes. Perguntei novamente, se é assim então êle voltou em direção a sua casa e não seguiu rumo à praia como você declarou ao Dr. Adauto. Neste momento ela teve um mal estar, começou a tremer e suar, não conseguia soltar as palavras, com muito esfôrço retrucou dizendo, que foram três vêzes, que viu o ERC na carroça, sendo a última em direção da praia.

Claro que ela estava mentindo, de uma vêz passou para duas e em seguida para três, isso era importante demais, para ela não ter dito ao grupo tigre da polícia civil.

No dia seguinte, Celina Abagge tirou Raquel da cidade. Soube-se, que tinha ido trabalhar em Matinhos, porém nos mêses seguintes não foi mais vista por ninguém. Seu pai, homem bom, evangélico, morreu do coração algummtempo depois, do crime ser desvendado.

O fato mais esclarecedor da participação de Raquel, surgiu quando o crime em questão foi solucionado. Entre os sete acusados, havia um com o nome de Sérgio Cristofolini. Por coincidência, a Raquel trabalhava na casa de um irmão deste indivíduo, e chegou até a ter casos amorosos, com o acusado, segundo comentários, que posteriormente chegaram ao nosso conhecimento.